

Filtrar ou não filtrar? A decisão do tradutor no momento de aplicar um filtro cultural

To filter or not to filter? The translator's decision when applying a cultural filter

TERESA ALEGRE*

PALAVRAS-CHAVE: Tradução, Filtro cultural, Consciência linguística, Consciência tradutológica.

KEYWORDS: Translation, Cultural filter, Language awareness, Translation awareness.

Introdução

Numa época marcada pela globalização, em que facilmente acedemos a conteúdos provenientes das mais diversas partes do mundo, podemos interrogar-nos sobre a receptividade do leitor a conteúdo lexical vindo de outras culturas e com o qual lidamos quotidianamente através dos meios de comunicação social. O contacto diário com notícias de carácter social e político de outros países estimula a nossa experiência intercultural e obriga-nos a lidar por vezes com o estranho. Embora a maior parte da informação seja traduzida e filtrada antes de chegar ao público português, cada vez mais palavras-chave e expressões (especialmente em inglês¹) chegam até nós na língua original, enriquecendo o vocabulário. Traduzir uma palavra e adequá-la às convenções da cultura de chegada ou, pelo contrário, introduzi-la inalterada na língua-cultura de chegada, prescindindo assim de um filtro, é uma decisão frequentemente ponderada pelo tradutor, ou pelo mediador, que estabelece a ligação entre a cultura de partida e a cultura de chegada. A decisão pela estrangeirização ou, pelo contrário, pela domesticação (na aceção de Venuti, 1995) depende de inúmeros fatores como o uso, a receptividade do público-alvo a estrangeirismos, entre outros.

* CLLC/Universidade de Aveiro.

¹ É também possível encontrar exemplos de palavras alemãs que são igualmente utilizadas na comunicação social portuguesa, como por exemplo, a *Mannschaft* para designar a seleção alemã de futebol ou, mais recentemente, *Spitzenkandidat*, termo cunhado aquando da eleição do presidente da UE em 2019.

Estas são questões que porventura se têm tornado mais prementes com a globalização e com a hegemonia da língua inglesa como língua franca, mas que sempre se colocaram ao tradutor. Este é, pois, um campo de decisão sobre o qual o tradutor deve estar particularmente ciente. Porque consideramos que para estas questões complexas não existem respostas pré-definidas, pensamos que a melhor forma de preparar o tradutor é ajudá-lo a desenvolver a sua consciência linguística, colocando-o perante situações de tradução em que necessite de refletir e justificar as suas opções. Sendo a consciência linguística/ *language awareness* (Donmall, 1991; James / Garrett, 1991; Gnutzmann, 1992; Wolf, 1993; Hecht, 1994; Alegre, 2001) um conceito proveniente da didática das línguas que facilmente se adequa a outros contextos de aprendizagem, julgámos pertinente convocá-lo no âmbito da formação de tradutores e operacionalizamo-lo para a análise do caso em estudo.

Numa época em que os portugueses acedem quotidianamente a produtos da globalização, como séries televisivas estrangeiras, e a conteúdos culturais em língua inglesa, serão os estudantes de tradução (futuros tradutores e parte integrante desse conjunto mais vasto) sensíveis à aplicação de um filtro cultural? Em que medida pode um texto traduzido e possuidor de conteúdos culturais ser sentido como autêntico pelo recetor da língua de chegada? Até que ponto consegue este texto transmitir a mensagem de origem ao público, para o qual, à partida, não foi concebido? As questões que se levantam com a tradução e as «contaminações» linguísticas não são simples. As línguas não são estáticas, vivem em permanente evolução, e aquilo que nos parece estranho num dado momento torna-se mais tarde aceitável, ou mesmo natural.

House (1977/1981), que introduziu o conceito de filtro cultural no âmbito dos estudos de tradução, sublinha a importância da consciencialização (*critical awareness*) do tradutor para as questões interculturais: «[...] necessary is translators' [...] critical awareness of the state of the art in intercultural communication and intercultural understanding so as to enrich their understanding of the need, or indeed the absence of the need, for cultural filtering.» (House, 2015, p. 96). Com uma conceção ligeiramente diferente, também Chesterman (2000, p. 107-108) recorre ao conceito de filtragem cultural (*cultural filtering*) apresentando-o como uma estratégia pragmática do tradutor. É preciso também ter em conta que o conceito de filtro cultural está associado às dicotomias metodológicas da tradução como *overt versus covert translation* (House, 1977, 2015) e *foreignization versus domestication* (Venuti, 1995).

Assim, tendo como cenário a formação inicial de tradutores, debruçar-nos-emos sobre as decisões e os comentários de um grupo natural de estudantes

de licenciatura em Tradução relativos a uma tarefa de tradução (inglês-português) e reflexão sobre as opções tomadas. O presente estudo centra-se exclusivamente sobre os comentários dos estudantes que dizem respeito à aplicação (ou não) de um filtro cultural. Para tal, apresentamos inicialmente os conceitos de filtro cultural, tal como este é entendido por House (2004, 2015) e por Chesterman (2000), e de consciência linguística, de acordo com a perspetiva genérica de Garrett nos anos 80 e no princípio do séc. XXI no ensino da língua alemã (Alegre, 2001). Passamos depois à aplicação do conceito de consciência linguística ao contexto particular da Tradução, com a criação do conceito de consciência tradutológica e articulando-o seguidamente com a capacidade de justificar a eventual aplicação de um filtro cultural. Por fim, apresentamos o estudo prático e a análise dos resultados. Pretendemos, desta forma, contribuir para um melhor conhecimento das decisões do estudante-tradutor, de modo a criar tarefas didáticas que potenciem a consciência do futuro tradutor relativa à decisão de recorrer (ou não) ao filtro cultural.

1. Enquadramento teórico: O conceito de filtro cultural e a consciência do tradutor

Neste ponto daremos conta dos diversos conceitos que sustentam esta análise. Por um lado, o filtro cultural como estratégia aplicada pelo tradutor em casos especiais de discrepâncias entre a cultura de partida e a cultura de chegada. Por outro, o conceito de consciência linguística como uma capacidade a ser desenvolvida pelos aprendentes de línguas estrangeiras que pode repercutir-se positivamente no tradutor em formação. Por último, numa tentativa de ligar estes dois universos (aprendizagem de línguas estrangeiras e tradução), apresentaremos a proposta do conceito de consciência tradutológica, como uma competência a desenvolver pelo tradutor aquando da tomada de uma opção tradutiva, que deve simultaneamente ser informada pelo conhecimento teórico-metodológico.

1.1. Filtro cultural

Muito embora o conceito de filtro cultural, como forma particular de percecionar a realidade de acordo com as normas e os valores de uma dada sociedade, extravase os Estudos de Tradução, centrar-nos-emos em autores do âmbito da Tradutologia, particularmente em Juliana House e Andrew

Chesterman. Tendo como ponto de partida o conceito de *cultural filter* de House (1977/1981), que lhe atribui um significado específico no âmbito do seu modelo de avaliação da qualidade em tradução, introduziremos posteriormente o conceito de *cultural filtering*, que Chesterman (2000) caracteriza como uma das estratégias pragmáticas a que o tradutor pode recorrer, remetendo por um lado para o conceito de House e, por outro, para estratégias como naturalização, domesticação e adaptação. Além disso, dada a proximidade dos conceitos e a vantagem didática, refletiremos igualmente sobre a *domesticação*, tal como esta é apresentada por Venuti (1995):

An illusionism produced by fluent translating, the translator's invisibility at once enacts and masks an insidious domestication of foreign texts, rewriting them in the transparent discourse that prevails in English and that selects precisely those foreign texts amenable to fluent translating. (Venuti, 1995, p. 17).

O conceito de filtro cultural, em House, está integrado num modelo mais vasto de avaliação da qualidade da tradução (*Translation Quality Assessment*) que assenta na divisão entre dois tipos de tradução: *overt translation* (em português, tradução manifesta) e *covert translation* (tradução velada). A autora apresenta estes dois tipos de tradução como uma versão mais «prosaica» (2004, p. 110) de dicotomias anteriores como a de Schleiermacher (*verfremdende Übersetzung* – tradução estranhante *versus einbürgernde Übersetzung* – tradução naturalizante), de Reiß (*dokumentierend versus kommunikativ*), de Schreiber (*Textübersetzung versus Umfeldübersetzung*), Newmark (*semantic versus communicative*), Koller (*transferierend versus adaptierend*), entre outros.² A tradução manifesta³ é caracterizada como uma tradução que é «overtly a translation, not a ‘second original’» (House, 2015, p. 66). Os textos que são objeto desse tipo de tradução são «either historical source texts such as those tied to a specific occasion in which a precisely source language audience is/was being addressed or they may be timeless source texts, i.e. works of art and

² Apesar desta aparente semelhança com conceitos anteriores, House não deixa de sublinhar a diferença, salientando que a dicotomia *overt-covert* está assente numa teoria tradutológica coerente, na qual os dois tipos de tradução estão consistentemente descritos e explicados (ver House, 2001, p. 249). Essa teoria consiste no modelo funcional-pragmático de avaliação da tradução, inspirada na teoria funcional-sistémica de Halliday.

³ Apesar de criticada por Munday (2016, p. 147) como uma classificação confusa, consideramos que House tem sido bastante clara e explícita na caracterização destes conceitos, ilustrando-os muito bem com exemplos de análise muito concretos.

aesthetic creations which transcend a distinct historical meaning» (House, 2015, p. 66). Em causa estão géneros textuais como sermões, discursos políticos, entre outros. De acordo com a autora (House, 2004, p. 110), conteúdo e forma devem, tanto quanto possível, permanecer intactos, cumprindo assim a tradução manifesta a função de possibilitar ao recetor o acesso ao texto original. Dada, no entanto, a alteração necessária de universos discursivos, a tradução poderá apenas atingir uma «second level equivalence» (House, 2004, p. 110). É por isso que House compara a tradução manifesta a uma espécie de «citação» (House, 2015, p. 66).

Quanto à tradução velada (*covert translation*), esta goza, nas palavras da autora, «the status of an original source text in the target culture» (House, 2015, p. 66). Ao contrário do que sucede com a tradução manifesta, o texto objeto de tradução velada não é específico de uma cultura particular e poderia ter sido concebido na cultura de chegada. Os textos objeto de tradução velada serão assim sobretudo textos «sem autor»: textos sobre ciência, economia, brochuras turísticas, notícias, textos informativos, instruções, textos publicitários, etc. Apesar da sua natureza tendencialmente «transitória», estes textos não devem ser subestimados em relação aos problemas de tradução que oferecem (House, 2004, p. 111). O facto de operarem numa moldura diferente, num novo contexto discursivo⁴ e precisarem, assim, de serem adequados às expectativas do público-alvo, levanta problemas de natureza mais subtil. De modo a funcionar como «original», o texto de chegada tem de ser objeto de uma filtragem cultural que a autora descreve do seguinte modo:

Um diese “Originalität” zu erzielen, setzt nun der Übersetzer einen sog. “kulturellen Filter” ein, er sieht zum Übersetzen das Original durch die Brille der Zielkulturadressaten. (House, 2004, p. 112).

[Para atingir esta “originalidade”, o tradutor terá de introduzir um “filtro cultural”; para traduzir, o tradutor terá de ver o original através dos óculos do recetor da cultura-alvo].

É, pois, ao caracterizar a tradução velada que House introduz o conceito de filtro cultural, definido como «ein Konstrukt zur Erklärung von Prozessen der Kompensation von Kulturspezifik beim Übersetzen» [um constructo para a clarificação de processos de compensação de especificidades culturais em

⁴ Para a exploração destes conceitos, ver House, 2015, pp. 66-67.

tradução] (House, 2004, p. 112). Trata-se, portanto, de processos de compensação que dizem respeito a diferenças socioculturais, convenções estilísticas e preferências comunicativas da cultura de chegada (ver House, 2015, p. 68). Os exemplos que a autora fornece referem-se ao par de línguas inglês-alemão e assentam em investigação realizada pela própria sobre pragmática contrastiva. Tais estudos permitem a identificação de preferências diferentes relativas a dimensões como *directness, content-focus, explicitness and routine-reliance* (House, 2015, p. 68).

Interessante, no modelo de House, é o facto de esta classificação (tradução manifesta *versus* tradução velada) não ser estática. Isto é, um texto que se adequa à tradução velada, pode para um propósito específico vir a necessitar de uma tradução manifesta e vice-versa. De facto, não basta definir à partida o tipo de tradução (manifesta *versus* velada), é necessário refletir sobre o impacto de cada opção tradutiva.

De um modo semelhante, no âmbito da tradução literária, o processo de estrangeirização/ *foreignization* (Venuti, 1995) pretende resistir ao modelo etnocêntrico que reduz a obra original, fazendo-a perder a força cultural própria e mascarando-a com a roupagem da cultura de chegada. É precisamente a reação de estranhamento que recorda ao leitor de que está a ler uma tradução.⁵

Para além de House, Chesterman (2000) recorre igualmente ao conceito de *cultural filtering* para designar uma das estratégias do tradutor. O conceito de estratégia, que tem uma longa tradição em tradução e que não é utilizado de uniformemente, não nos ocupará aqui. No entanto, é importante referir que o autor define estratégias como «forms of explicitly textual manipulation» (Chesterman, 2000, p. 89) que são observáveis no texto traduzido, excluindo assim a aceção de estratégias como comportamentos gerais do tradutor perante um problema de tradução como a verificação de equivalentes ou o acesso a uma base de dados.⁶ Chesterman classifica *cultural filtering* como uma estratégia de natureza pragmática, também designada como «naturalization, domestication or adaptation» (Chesterman, 2000, p. 108). De acordo com o autor, esta

⁵ Embora não estejamos aqui no âmbito da tradução literária, os conceitos de estrangeirização e de domesticação são muito plásticos e adequam-se bem ao ensino da Tradução em geral, pois são facilmente apreendidos pelos estudantes. Já os conceitos de tradução manifesta e de tradução velada requerem normalmente uma maior capacidade de abstração por parte dos estudantes.

⁶ Hurtado Albir (2004, p. 265) designa-os de procedimentos técnicos de tradução, para evitar a confusão com estratégias, no sentido referido.

estratégia descreve a forma como as designações de natureza cultural são traduzidas, de modo a respeitar as normas da cultura de chegada.

No presente estudo optamos por uma conceção lata de filtro cultural que designa a intervenção do tradutor em palavras ou expressões de cariz cultural, especialmente ligadas à cultura do TP, de forma a torná-las mais compreensíveis ou aceitáveis ao público-alvo do TC. A aplicação de um filtro desta natureza poderá dar origem a omissões, neutralizações, explicitações ou mesmo à introdução de informação adicional destinada a contextualizar o seu conteúdo.

1.2. Consciência linguística e consciência tradutiva

O conceito de *language awareness*, com origem no Reino Unido nos anos 80 (ver James / Garrett, 1991), insere-se inicialmente num contexto de ensino de línguas, marcado pelo multilinguismo, e surge como reação à desvalorização de um ensino explícito e com recurso à metalinguagem. Desde essa altura que esse conceito tem sido retomado em diversos contextos de ensino, sendo preferencialmente associado a uma dimensão explícita e metalinguística.

Nos anos 90, James / Garrett (1991) caracterizam *language awareness* como um termo genérico/abrangente, que diz respeito à educação, mas que extravasa para o universo sociopolítico. Como domínios de investigação, estes autores definem: o domínio afetivo (desenvolvimento de curiosidade pelas línguas e sensibilidade linguística), o domínio social (que reflete a heterogeneidade linguística e social em contextos de aprendizagem de línguas), o domínio do poder (dimensões da manipulação e do controlo do discurso), o domínio cognitivo (reflexão sobre a língua e a linguagem) e o domínio da *performance* (papel da consciência linguística na utilização prática).

Num estudo anterior, no âmbito da Didática das Línguas, analisei o papel da tradução pedagógica e da análise contrastiva no desenvolvimento da consciência linguística (Alegre, 2001). O enfoque desse estudo académico incidiu sobre os domínios cognitivo, relacionado com a reflexão linguística, e da *performance*. No âmbito desse estudo, defini consciência linguística como «a capacidade que o aprendiz tem de refletir sobre a língua estrangeira, de a utilizar ou de agir sobre essa língua, tendo em conta o conhecimento sobre as suas regras de funcionamento» (p. 104), caracterizando-a simultaneamente como processo e como o resultado desse processo. Nesse contexto, a tomada de consciência do funcionamento linguístico através da tarefa pedagógica da tradução constituiu o centro da investigação, bem como a capacidade de

verbalização dos problemas de expressão e a relação que os estudantes de língua alemã estabeleciam entre as regras e a utilização linguística.

Retomando aqui a proposta de articulação de conceitos apresentada por James / Garrett (1991) sob a forma de dimensões, esta proposta revela-se igualmente adequada à formação do tradutor, em particular na dimensão reflexiva, bem como na dimensão do poder (no sentido da manipulação discurso), pois estas encontram-se presentes quando o tradutor se depara com unidades linguísticas culturais que podem não ser transparentes para o público-alvo da tradução.

Se a consciência linguística, como uma abordagem pedagógica no ensino de línguas estrangeiras, contrariou uma tendência de aprendizagem baseada no unilinguismo e na automatização de processos (excluindo a reflexão), a consciência tradutológica deverá, em meu entender, contrariar os processos de automatização na tradução. A formação do tradutor passa pelo desenvolvimento de um leque variado de competências, sendo uma delas a tomada de decisões ajustadas à metodologia de tradução adotada. As escolhas feitas pelo tradutor, aquando da tradução de expressões culturalmente marcadas, está, quanto a mim, dependente da consciência tradutológica e não se presta à automatização de procedimentos. Isto deve-se ao facto de a aceitação destas expressões, por parte do leitor, depender de diversos fatores e evoluir consoante o contexto.

Assim, para exemplificarmos esta capacidade de reflexão, ou consciência tradutológica, do estudante de tradução passamos à apresentação e análise de uma tarefa de tradução.

2. O estudo

2.1. Apresentação e metodologia

O estudo recai sobre uma tarefa de tradução, de inglês para português, de um artigo de cariz sociopolítico. O texto de partida (TP), que aqui resumidamente apresentamos, consiste num artigo de opinião, intitulado «He's hired» (*Monocle*, 2017, 5, pp. 54-57) que critica os primeiros tempos de governação de Donald Trump na presidência dos EUA e defende uma estratégia política de influência (ou mesmo de manipulação) do presidente, de modo a tentar aproximá-lo das políticas democráticas que o próprio defendera no passado antes de concorrer à presidência. À partida, um artigo de opinião como este seria pouco interessante para o público estrangeiro, não fosse o papel que

a política norte-americana desempenha em todo o mundo. Como artigo de opinião, este é destinado não apenas ao público norte-americano, mas genericamente ao público internacional, tal como se poderá verificar pelo subtítulo «How anti-Trump America fights back», e pelo facto de o jornalista ser correspondente da revista *Monocle*, que é distribuída em vários continentes.

A tradução de textos jornalísticos requer normalmente tradução velada (ver House, 2015, p. 56), e a recontextualização na cultura de chegada envolve a aplicação de um filtro cultural a elementos que não sejam claros para o público português. A ironia subjacente à descrição da estratégia política nos EUA, bem como as referências ao universo da política interna americana, obrigam o tradutor a questionar-se sobre a manutenção das expressões originais (sempre que estas sejam transparentes para o público português) ou a aplicação de um filtro cultural que as torne acessíveis.

Dadas os constrangimentos de espaço do presente artigo, centrar-nos-emos na tradução de apenas algumas unidades textuais de cariz pragmático-cultural (identificando a presença de um filtro cultural) e na análise qualitativa dos comentários dos estudantes sobre as suas opções tradutivas, procurando assim identificar reflexos da consciência tradutológica desses alunos.

Tal como anteriormente referido, a tarefa de tradução dizia respeito a um artigo de opinião política. O encargo de tradução tinha como objetivo (hipotético) a publicação na revista *Courrier International*, constituída por artigos de órgãos de informação internacionais traduzidos para português. A tradução foi realizada, em contexto de aula, por um total de 33 alunos, organizados em 12 grupos de 2 a 4 alunos cada. O trabalho em grupo favorece a discussão e a explicitação dos problemas de tradução e das opções tomadas, sendo por isso uma das formas de trabalho privilegiadas para a realização de tarefas de tradução em formação inicial. A tarefa desenrolou-se ao longo de 4 sessões de trabalho, pois o trabalho implicava não só a tradução como também a análise do texto de partida e o comentário das principais dificuldades. As instruções fornecidas aos alunos incluíam indicações sobre o faseamento do processo de tradução, com uma articulação entre a pré-tradução (leitura e análise do TP, com o apoio do modelo de análise de Nord, 2005), a fase de tradução propriamente dita e por fim a fase de pós-tradução com a revisão da tradução e a redação do comentário de tradução, com ênfase na reflexão sobre os problemas de tradução.

O presente estudo incide sobre os dados retirados desta última fase da tarefa de tradução, em que os grupos de trabalho deviam destacar os principais

problemas de tradução, registar as soluções encontradas e comentar as opções tomadas.

A análise, que se destina ao conhecimento exploratório da consciência tradutológica dos estudantes em formação inicial, é qualitativa. Contudo, não deixamos de apreciar os dados quantitativos, que podem indicar tendências, quer no recurso a um filtro cultural, quer ao número de comentários por problema de tradução.

Passamos seguidamente à apresentação dos resultados e respetiva análise.

2.2. Resultados e análise

Nesta secção apresentam-se as traduções, realizadas pelos grupos de trabalho, de três unidades de tradução com conteúdos culturais. Os dois primeiros dizem respeito ao modo como os políticos são nomeados na imprensa. O terceiro centra-se na tradução do lema de uma campanha política.

I – Tradução e comentários dos grupos de trabalho relativos ao segmento I do TP: «Here's how to handle the Donald Dilemma» (sublinhados meus)

Esta frase (retirada das primeiras linhas⁷ do artigo a traduzir) remete para a possível atitude dos opositores de Donald Trump face à sua vitória eleitoral: desistir ou enfrentar o problema. A expressão «Donald Dilemma» dialoga com o título do filme de animação da Disney, «The Donald's Dilemma», dos anos 40. Contudo, é pouco provável que o público português estabeleça essa associação tão remota. Sob a forma de tradução literal, «o dilema Donald», a referência ao nome próprio do presidente provoca estranheza, pois estabelece uma aparente intimidade que não é própria deste contexto. O público português poderá estabelecer a associação à personagem de animação, o que provocará ainda uma maior estranheza. Independentemente da opção tomada, seria de esperar que os grupos comentassem este caso, justificando a sua tradução, o que não se verificou. As traduções realizadas pelos diversos grupos (Tabela 1) são apresentadas por ordem crescente de aplicação de um filtro cultural.

⁷ «It's not what we hoped for. We're not happy about it. But rather than rear up against the nightmare, we need to face our fears. Here's how to handle the Donald Dilemma»

	Tradução	Comentário dos estudantes
T1	Vejamos como lidar com o dilema Donald.	-----
T2	Como lidar com o Dilema de Donald.	-----
T3	Aqui está como enfrentar o Dilema de Donald	-----
T4	Eis como lidar com o <i>Dilema do Donald</i> .	-----
T5	Aqui está como lidar com o dilema “Donald”	-----
T6	Aqui está como lidar com o dilema Donald Trump.	-----
T7	Aqui está como lidar com o dilema Donald Trump	-----
T8	Aqui fica como lidar com o Dilema Trump.	-----
T9	Aqui está a forma para lidar com o “Dilema Trump”.	-----
T10	Aqui está como lidar com o dilema de Trump.	-----
T11	É assim que temos que lidar com o Problema Trump.	-----

Tabela 1: Traduções do segmento I do TP: «Here’s how to handle the Donald Dilemma».

Por um lado, as cinco primeiras traduções (T1 a T5) reproduzem o TP de forma literal, sem recurso a um filtro cultural, mantendo o nome próprio do presidente.⁸ Por outro lado, as traduções seguintes (T6 a T11) transformam o nome, completando-o com o apelido (T6 e T7) ou substituindo-o pelo apelido (T8 a T11). Este recurso a um filtro cultural torna as seis últimas traduções num segmento aceitável para o público português (domesticação), embora eliminem a possível associação com a personagem da Disney e neutralizem a atitude depreciativa do autor. A T11 vai mais longe, substituindo a palavra «dilema» por «problema», solução que retira especificidade à frase.

É possível que as transformações operadas por alguns grupos, como a inclusão do nome completo (T6 e T7), ou a substituição do nome próprio pelo apelido (T8 a T11) sejam um reflexo da consciência de tais convenções. No entanto, o facto de não haver comentários dos alunos sobre este segmento, impossibilita a apreciação objetiva da consciência tradutiva relativa às convenções pragmáticas, e não permite saber se a associação com a personagem da Disney desempenhou algum papel nas suas decisões de tradução.

⁸ Podemos considerar que as alterações gráficas, com a introdução do itálico em T4 e as aspas em T5, indicam uma estrutura marcada, mas não as consideramos filtro.

No segmento seguinte observamos mais uma tradução de nomes e respetiva forma de tratamento.

II – Tradução e comentários dos grupos de trabalho relativos ao segmento II do TP: «‘In the intelligence business,’ wrote former CIA director Michael Morrell, ‘we would say that Mr Putin had recruited Mr Trump as an unwitting agent of the Russian Federation.’»

O contexto do presente segmento textual remete para a atitude de estranheza dos norte-americanos perante a inesperada proximidade entre o presidente dos EUA e o presidente da Federação Russa, Vladimir Putin. Este facto leva o autor a afirmar na frase anterior a este segmento «The theory among bewildered observers was that the candidate had been turned by the enemy».

	Tradução	Comentário dos estudantes
T1	... “nós diríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um agente involuntário da Federação da Rússia”	-----
T2	... “nós diríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um agente involuntário da Federação Rússia”.	-----
T3	... “diríamos que <u>o Sr. Putin</u> tinha recrutado <u>o Sr. Trump</u> como um agente involuntário da Federação Russa.”	-----
T4	... “diríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> para ser agente involuntário da Federação Russa”	-----
T5	... “diríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um agente inconsciente da Federação Russa.”	-----
T6	... “podemos afirmar que <u>o Sr. Putin</u> recrutou inconscientemente <u>o Sr. Trump</u> como um Agente da Federação Russa”.	-----
T7	... afirmaríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um inconsciente agente da Federação Russa.	-----
T8	... afirmaríamos que <u>o Sr. Putin</u> recrutou <u>o Sr. Trump</u> como um agente da Federação Russa.	-----

	Tradução	Comentário dos estudantes
T9	nós diríamos que o <u>Senhor Putin</u> tenha recrutado o <u>Senhor Trump</u> como um agente incôncio da Federação Russa.”	-----
T10	... “Nós diríamos que <u>Putin</u> tinha recrutado <u>Trump</u> como um agente involuntário da Federação Russa”	-----
T11	... “diríamos que <u>Putin</u> recrutou <u>Trump</u> como um agente involuntário da Federação Russa.”	<p><u>Problema pragmático</u> – uma vez que, na língua portuguesa, não é comum a utilização de “Sr./Sra.” em textos jornalísticos para mencionar figuras importantes ou celebridades, fazer uma tradução que mantivesse esses elementos poderia causar estranheza no leitor do texto de chegada; portanto, optámos por não incluir esses elementos no texto de chegada.</p>
T12	... os agentes diriam que <u>Vladimir Putin</u> teria recrutado <u>Donald Trump</u> como agente inconsciente da Federação Russa.	-----

Tabela 2: Traduções do segmento II do TP: «we would say that Mr Putin had recruited Mr Trump as an unwitting agent of the Russian Federation.’».

A maioria das traduções (Tabela 2), independentemente da sua correção global, mantém o título *Sr.*, o que, em português, constitui uma forma marcada, pouco usual quando se trata de personalidades políticas. No entanto, é preciso ter em conta que se trata da citação direta das palavras de um antigo diretor da CIA, que ironicamente coloca ambos os presidentes no papel de espões. No caso destas traduções, tal como nas do segmento analisado anteriormente, não conseguimos saber o que fez os alunos manterem estas formas de tratamento, uma vez que não existem comentários. As três últimas traduções revelam a introdução de filtro cultural, através da omissão de *Sr.* (T10 e T11) ou da inserção do nome completo (T12).

No que diz respeito à consciência tradutológica, apenas um grupo (T11) explicita a convenção pragmática e justifica a sua opção, remetendo para a «estranheza» que a utilização de *Sr./Sra.* provocaria no leitor. A mesma razão poderá estar na origem das opções tomadas em T10 e T12, mas tal não poderá ser comprovado.

III – Tradução e comentários dos grupos de trabalho relativos ao segmento III do TP: «... a candidate who said his guiding principle was ‘America First’»

Este último segmento diz respeito à tradução do lema «America First», usado recorrentemente pelo candidato Trump e reproduzido nos órgãos de comunicação social portugueses ora em inglês ora em português, bem como recorrendo simultaneamente a ambas as línguas.

Tradução	Comentário dos estudantes
T1 o seu lema era “América Primeiro”	-----
T2 um candidato cuja filosofia era “América Primeiro”	-----
T3 um candidato que disse que o seu princípio era “América Primeiro”.	-----
T4 um candidato que havia dito que o seu motivo principal seria “América Primeiro”	-----
T5 candidato que tinha como princípio de candidatura “América Primeiro”	O problema aqui foi mais um problema de julgamento no que ficaria melhor ou não. Decidimos traduzir o <i>slogan</i> da campanha porque achamos mais adequado neste tipo de texto.
T6 um candidato cujo princípio orientador era “América Primeiro”	<u>Problema extralinguístico</u> – uma vez que remete para uma expressão conhecida na língua de partida que é bastante popular, seria de esperar que os vários meios de comunicação portugueses já tivessem feito uma tradução desta expressão e que esta fosse uniforme em todos esses meios; desta forma, utilizámos a tradução mais utilizada nos meios de comunicação sociais portuguesas, na tradução deste texto. Exemplo: “Donald Trump inaugura a era da “América Primeiro” (Público)

	Tradução	Comentário dos estudantes
T7	um candidato que dizia que o seu princípio orientador era “América primeiro”	-----
T8	um candidato que disse que o seu princípio de orientação era “América em Primeiro”	-----
T9	um candidato que disse que o seu princípio condutor era “América primeiro”	-----
T10	um candidato que afirmava ter como máxima, “America First” (América primeiro)	“Principle” à “Máxima”, neste caso antecede a expressão utilizada na campanha de Trump “America First”. Foi a palavra escolhida, por ser um princípio pelo qual Trump se rege durante a campanha, e ao qual se mantém fiel até final;
T11	um candidato que tinha como princípio base a América em Primeiro Lugar, “America First”.	-----
T12	um candidato que disse que o seu lema fundamental era a “America First” + nota rodapé: (Princípio de superioridade e poderio mundial dos EUA.)	Problema cultural – Mantivemos a expressão em inglês, acrescentando uma nota de rodapé – é um conceito já conhecido pela maioria das pessoas devido às notícias. Edições online também mantiveram o ideal de “America First” na LP.

Tabela 3: Traduções do segmento III do TP: «... a candidate who said his guiding principle was ‘America First’».

Apesar de ser uma expressão conhecida, nenhum dos grupos (Tabela 3) opta pela expressão original em inglês, sem qualquer informação adicional. A maior parte dos grupos (T1 a T9) traduz literalmente «América Primeiro», sem recurso a filtro cultural. Apenas três grupos (T10 a T12) optam por manter a expressão original em inglês, devido possivelmente à divulgação da expressão na imprensa portuguesa. No entanto, é de notar que cada grupo opta por uma solução diferente. Na Tradução 10, encontramos a adição da tradução portuguesa entre parênteses, que possibilita a compreensão em português. Contudo, o comentário feito por este grupo não justifica esta opção. Em T11 identificamos a aplicação de um filtro cultural, na medida em que os tradutores optam por uma explicitação em português «América em Primeiro Lugar», à

qual acrescentam a expressão original em inglês. Esta constitui uma técnica tradutiva de compromisso entre o valor da adequação ao público-alvo e a manutenção da especificidade cultural. Infelizmente, os alunos não refletiram sobre isso ou não consideraram importante verbalizar essa reflexão. Por último, em T12 deparamos com uma intervenção demasiado ostensiva dos tradutores que, por um lado, optam por manter a expressão inglesa, mas, por outro, colocam em nota de rodapé uma interpretação manipuladora do sentido do lema.

Relativamente a este segmento, encontramos quatro comentários (num total de doze traduções), o que também é pouco expressivo em relação à manifestação de consciência tradutológica. Dois desses comentários (T6 e T12) remetem para a estratégia de pesquisa em textos paralelos, justificando assim as suas opções. No entanto, nenhum reflete sobre a eventual aplicação de um filtro cultural.

Fazendo uma apreciação global do conjunto das traduções dos três segmentos textuais, verificamos que a aplicação de um filtro cultural é feita com moderação. Na maioria dos casos, os grupos não recorrem à aplicação de um filtro cultural, preferindo manter uma maior literalidade (apenas no segmento I há mais traduções com recurso a filtro cultural). Dada a escassez de comentários, não podemos, no entanto, saber se a proximidade com o original resulta de uma opção metodológica.

Comparando a quantidade de comentários relativos aos dois primeiros segmentos, relacionados com formas de tratamento, e o terceiro que incide sobre a máxima da campanha, pode-se constatar que a primeira temática não suscita necessidade de justificações por parte da maioria dos grupos, enquanto a segunda dá origem a apenas quatro comentários.

Conclusão

Neste artigo estabelecemos a relação entre a estratégia de aplicação de um filtro cultural em tradução e o desenvolvimento da consciência tradutológica. Apoiando-nos em conceitos desenvolvidos nas áreas da Tradução e da Didática das Línguas, analisámos material didático proveniente de tarefas de tradução realizadas em contexto de aula, passíveis de conter manifestações dos fenómenos em estudo. Selecionando alguns segmentos textuais adequados, analisámos o produto dessas traduções e os comentários de tradução a que deram origem por parte dos grupos de trabalho. Com base nos resultados obtidos, consideramos

que a discussão sobre convenções de natureza pragmática deve ser fomentada, possivelmente através de indicações mais dirigidas que orientem a reflexão dos estudantes de tradução. Deste modo, espera-se fomentar nos estudantes decisões mais conscientes sobre quando recorrer a um filtro cultural e (muito importante para a formação do tradutor) exercitar a verbalização dessas questões. Numa tentativa de espelhar na Tradução aquilo que o conceito de *language awareness* trouxe à aprendizagem de línguas, incentivar a consciência tradutológica poderá compensar o lado negativo dos mecanismos de automatização da tradução, fomentando a reflexão sobre as opções tradutivas, sobre os efeitos no público-alvo, bem como sobre a manipulação textual.

Referências Bibliográficas

- ALEGRE, T. (2001). *Tradução pedagógica e consciência linguística – A tradução como estratégia de consciencialização da estrutura da língua alemã em aprendentes portugueses*. Aveiro: Universidade de Aveiro (Dissertação de doutoramento).
- CHESTERMAN, A. (2000). *Memes of Translation*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- DONMALL, G. (1991) Old problems and new solutions: LA in GCSE foreign language classrooms. In C. JAMES & P. GARRETT (eds.) *Language Awareness in the Classroom* (pp. 107-122). London: Longman.
- GNUTZMANN, C. (1992). Reflexion über <Fehler>. Zur Förderung des Sprachbewußtseins im Fremdsprachenunterricht. *Der fremdsprachliche Unterricht – Englisch*, 26, 16-21.
- HECHT, K. (1994). Lernziel Sprachbewußtheit. *Die Neueren Sprachen*, 93: 2, 128-147
- HOUSE, J. (1977/1981). *A Model for Translation Quality Assessment*. Tübingen: Narr.
- (1997). *Translation Quality Assessment: A Model Revisited*. Tübingen: Narr.
- (2004). Zwischen Sprachen und Kulturen: Dialog und Dominanz in der Übersetzung. (p. 107-124) In J. ALBRECHT, et.al. (Hrsg.) *Übersetzung – Translation – Traduction. Neue Forschungsfragen in der Diskussion. Festschrift für Werner Koller*. Tübingen: Narr.
- (2015). *Translation Quality Assessment: Past and Present*. London: Routledge.
- HURTADO ALBIR, A. (2004, 2.^a ed.). *Traducción y Traductología. Introducción a la Traductología*. Madrid: Cátedra.

- JAMES, C. / GARRETT, P. (1991). The scope of Language Awareness. In C. JAMES & P. GARRETT (eds.). *Language Awareness in the Classroom*. (pp. 3-20). London: Longman.
- MUNDAY, J. (2016). *Introducing Translation Studies. Theories and applications*. Fourth Edition. London & New York: Routledge.
- NORD, C. (2005, 2.^a ed.). *Text Analysis in Translation. Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. Second Edition. Amsterdam & New York Rodopi.
- VENUTI, L. (1995). *The Translator's Invisibility. A History of Translation*. London & New York: Routledge.
- WOLF, D. (1993). Sprachbewußtheit und die Begegnung mit Sprachen. *Die Neueren Sprachen*, 92: 6, 510-531.

TÍTULO: Filtrar ou não filtrar? A decisão do tradutor no momento de aplicar um filtro cultural

RESUMO: A facilidade com que atualmente acedemos a conteúdos textuais e audiovisuais com origem nas mais diversas língua-culturas levanta a questão da consciência e da receptividade às diferenças culturais e à forma como essas diferenças se repercutem nas convenções linguísticas e textuais. Permitirá a nossa experiência intercultural que lidemos mais facilmente com o estranho ou com o estrangeiro? Estaremos cada vez mais em condições de prescindir de «filtros» que adaptem esses conteúdos à nossa forma de ver o mundo? O enfoque deste artigo recai sobre as decisões e justificações de um grupo de alunos de Tradução (em formação inicial) ao traduzirem, de inglês para português, elementos linguísticos com carga cultural. Pretendemos desta forma discutir a consciência linguística e tradutológica destes estudantes e contribuir para a discussão de questões como a adequação às expectativas do leitor e à cultura da língua de chegada. Tendo por base, por um lado, o conceito de consciência linguística (Donmall, 1991; James / Garrett, 1991; Wolf 1993; Hecht, 1994; Alegre, 2001) e, por outro, os conceitos de filtro cultural (House, 1997, 2015; Chesterman, 2000) e de domesticação (Venuti, 1995), daremos conta do difícil equilíbrio entre a manutenção das especificidades do texto original e a comunicação sem entraves, como parte integrante da consciência tradutológica.

TITLE: To filter or not to filter? The translator's decision when applying a cultural filter

ABSTRACT: At a time in which one can easily access to textual and audiovisual contents originating in diverse languages-cultures, the question arises as to whether we will be more sensitive, aware and receptive to cultural differences and how these differences reflect themselves in the linguistic and textual conventions. Will our intercultural experience enable us to deal more easily with the foreign? Will we be able to dispense with filters that adapt these contents to our way of seeing the world? The focus of this paper is on translators' decisions and justifications (in a translator training context) when rendering culture-specific items. Our aim is to account for translator training issues and to discuss the need to comply with the reader's expectations and of considering target-language culture. Based on the notion of language awareness (Donmall, 1991; James / Garrett, 1991; Wolf 1993; Hecht, 1994; Alegre, 2001), on one hand, and on the concepts of cultural filter (House, 1997, 2015; Chesterman, 2000) as well as domestication (Venuti, 1995), on the other, we describe the difficult balance between faithfulness to cultural specificities of the source text and communication without obstacles, as part of translation awareness.